

Inglaterra do século XVI o drama histórico; no século XVIII o poema filosófico; na França do século XIX o drama político, mais tarde o drama social; nos nossos dias a homossexualidade...

No século XI a poesia hespanhola obedecia a duas inspirações principais: uma guerreira, outra monacal; e estas duas inspirações localisam-se em regiões bem distintas da península, em razão dos climas políticos distintos que aí reinam: na Catalunha, terra disputada entre mouros e cristãos, os cantos guerreiros; no oriente, à sombra dos conventos, escrevem-se cantos religiosos. O misticismo franciscano desempenhou um papel imenso na inspiração pictural e poética do século XIII. A influência do meio sobre o assunto da «Divina Comédia» é um tema de escola...

Coisa idêntica se pode dizer da história. Ninguém negará que o considerável número de obras escritas no século XIX sobre a revolução francesa, e mais geralmente sobre as revoluções, não tenha por causa a paixão com a qual o meio da época se occupava desta ordem de fenómenos.

Ainda nisto, o assunto da obra de arte é comandado pelo meio.

A tendência. — Eis um outro aspecto da questão: o espírito dentro do qual a obra de arte trata o seu assunto, principalmente quando pinta os costumes e as relações sociais. Em geral o artista que julga pintar o passado pinta os costumes do seu tempo, o estado social que vê à sua volta. Isto é evidente antes do século XIX, quando o dogma da côr local ainda quasi não existia; mas ainda hoje, apesar do novo dogma, o facto é verdadeiro.

Verdadeiro ainda em matéria histórica: as guerras de religião, para o século XVII,

são antes de mais nada guerras religiosas; para o século XVIII são guerras de idéas filosóficas; para o século XIX são guerras do povo contra os seus opressores; — a história da Revolução Francesa, que no século XIX era sobretudo tratada no sentido político, é hoje tratada como «crise» num sentido económico e social. E quem não sente que a Revolução marca a obra de Beethoven, de Chopin, de Berlioz?

No campo das doutrinas artísticas, dos manifestos literários, a determinação do meio consiste geralmente numa reacção contra elle, contra o meio político-literário, contra o meio puramente literário, contra o meio moral.

A doutrina artística é talvez a face da arte mais servilmente condicionada pela ambiência.

Os sistemas. — Consideremos enfim os grandes sistemas filosóficos, que também teem direito a ser colocados entre as obras de arte.

Os sistemas modernos dão a primazia à *vida*, enquanto que os antigos consideram a *natureza*, de que a vida não é senão um aspecto; os sistemas modernos teem a pretensão expressa de se apoiarem na *ciência*, enquanto que os antigos se entregam abertamente a especulações *a priori*; os sistemas modernos dão ao mundo, por princípio essencial, um princípio de ordem *activa* e geralmente *passional*, enquanto que nos antigos, este princípio era sobretudo de ordem *intellectual* e *estático*.

Não é difficil ver uma relação entre estes caracteres dos sistemas modernos e o imenso desenvolvimento no mundo contemporâneo das ciências biológicas, do prestígio da ciência, da religião (romântica) da acção e da paixão. Portanto, os sistemas filosóficos também são condicionados pelo meio.

J U L I E N B E N D A

(Resumo dum artigo na «Enciclopedia Francesa»)

